

## A INTERPRETAÇÃO DAS CONFIGURAÇÕES EDIPIANAS NA ANÁLISE DE CRIANÇAS\*

Florence Guignard\*\*, Paris

### Introdução

Falando de seu trabalho cotidiano, todo psicanalista de crianças evoca espontaneamente sua escuta de um material dito “edipiano” de seus pequenos pacientes. Mas o que ele entende exatamente por isso?

A aplicação do método psicanalítico ao tratamento de crianças levanta muitos problemas teóricos que não podem ser descartados sob pretexto de sua eficácia na clínica. Esses problemas podem ser agrupados em torno do enunciado princeps de Freud: o complexo de Édipo. De que modo essa configuração se apresenta nas crianças antes da puberdade e especialmente nas crianças muito pequenas?

Este trabalho se propõe examinar essa questão em uma criança de três anos, idade reconhecida por Freud como a do início da constituição do complexo de Édipo. Centrar-se-á na exposição de uma breve vinheta clínica, colocada propositalmente fora do contexto histórico particular da criança em questão. A autora fez esta opção na tentativa de evitar, na medida do possível, os efeitos perversos, na reflexão teórico-técnica, daquilo que ela chama de tentação de “causalidade curta” ou, invocando Molière: “Aí está justamente o que faz com que sua filha seja muda”<sup>1</sup> (Molière, 1666).

A causalidade desempenha, de fato, um papel importante no trabalho do psicanalista, tanto no plano das interpretações que se apresentam a seu espírito durante a sessão, quanto no plano da reflexão pessoal mais teórica buscada em seu modo de funcionamento cotidiano. A causalidade mantém ligações complexas com o “juízo de atribuição” a respeito do qual Freud estabeleceu a necessária anterioridade em relação ao “juízo de existência” (Freud, S., 1925)2.

Todo analista deve, então, examinar com cuidado em que nível ele se situa, quando sente necessidade de estabelecer relações de causalidade entre o material de seu paciente e um determinado parâmetro teórico de sua disciplina. Rigorosamente, somente a causalidade psíquica deveria ser levada em conta. Mas isso não soluciona o problema, uma vez que existem muitos níveis possíveis de significação, até mesmo dentro da causalidade psíquica. Segundo a tonalidade da relação transferencial-contratransferencial e as opções teóricas do analista, um ou outro desses níveis será privilegiado por ele.

Por exemplo, não há uma definição do conceito de objeto com a qual todos os analistas concordem: fala-se da pessoa externa ou de um objeto interno? Tentar conciliar todas as tendências propondo considerar o objeto interno como resultado da interiorização do objeto externo conduz a uma confusão ainda mais deplorável em que, nas representações contratransferenciais do analista, se misturam as que provêm da narrativa ou da expressão lúdica do paciente na sessão com as que provêm de seu insight sobre a natureza e as qualidades dos objetos internos do paciente. A isto se somam, para o psicanalista de crianças, as percepções diretas, relacionadas ao necessário contato que ele deve ter, penso eu, com os pais reais da criança. Apesar de serem frutíferos no estabelecimento de uma aliança terapêutica com a criança e com aqueles de quem ela necessariamente depende, esses contatos não são isentos de riscos, principalmente contratransferenciais. Assim, o psicanalista de crianças deverá estar ainda mais atento que o psicanalista de adultos para não misturar as impressões provenientes de seu contato direto com os pais com as representações que pode fazer dos objetos parentais internos da criança através do material das sessões.

O leque de identificações inconscientes do psicanalista desempenha um papel não desprezível em sua escolha do nível de causalidade a ser interpretado. O analista de crianças conhece bem este problema e, principalmente, sua tendência a “sobrecarregar” os pais reais da criança com responsabilidades relativas à patologia dos objetos internos de seus pequenos pacientes, quando esta se torna demasiadamente conflituosa para sua contratransferência.

O leitor queira, pois, considerar as linhas que seguem como um exercício de rigor, senão de estilo. Seu conteúdo não tem nenhuma pretensão de comparar-se, do ponto de vista literário, ao de Raymond Queneau (1947); contudo, visa à questão do estilo pessoal de interpretação na polissemia do campo psicanalítico.

### Reflexões sobre alguns marcos teóricos

#### a) Os estágios do desenvolvimento psicosssexual e o complexo de Édipo

Descrindo os “estágios” do desenvolvimento psicosssexual – oral, anal, fálico e genital – (1905), Freud propôs uma primeira série de parâmetros que jamais renegou e à qual Karl Abraham (1924) agregou os desenvolvimentos que conhecemos. Aliás, presente desde as primeiras trocas de correspondência com Fliess (Freud S., 1887-1902), o conceito de complexo de Édipo toma sua forma quase definitiva, em Freud, em 1910 (Freud, S., 1910). Organizando-se em torno do quarto ano de vida, esse complexo encontra sua resolução (Freud, S., 1924) em um conjunto de identificações, tanto na vertente direta como na invertida, com os objetos do desejo edipiano aos quais a criança deverá renunciar.

Entretanto, fazendo uma reflexão teórico-técnica, nem sempre é fácil definir a posição exata do encadeamento dessas duas séries de parâmetros: os estágios de desenvolvimento libidinal e a elaboração do complexo edipiano. A confusão se instala particularmente e muito freqüentemente entre o “pré-edipiano” e o “pré-genital”. Ora, se a prática do analista de adultos pode tolerar a manutenção do incerto e vago neste domínio, o analista de crianças é confrontado diariamente com esta problemática a respeito da qual é obrigado a fazer um juízo que vai orientar toda sua atividade interpretativa.

#### b) A sexualidade infantil “fálica” e o reconhecimento da diferença entre os sexos

A questão se complica ainda mais, se recordarmos que Freud (1923) considerava que a sexualidade genital infantil se organizava sob o primado fálico. Essa concepção, que faz da sexualidade genital infantil uma organização unissex, opõe-se à descrição dos critérios de resolução do complexo de Édipo, entre os quais o próprio Freud incluiu o reconhecimento da dupla

diferença, dos sexos e das gerações.

#### c) A natureza das pulsões

Esta aporia conduz a dois problemas centrais, não somente do ponto de vista teórico, mas igualmente do ponto de vista da compreensão do material clínico e das opções técnicas dela decorrentes, particularmente no domínio da interpretação.

O primeiro desses problemas diz respeito à natureza das pulsões. Como para Freud a libido era de essência masculina (Freud, 1907, 1909), a rocha da origem, que é a recusa do feminino por ambos os sexos (Freud, S., 1937) entrará em conflito com o reconhecimento da diferença entre os sexos, necessário para a resolução do complexo de Édipo. Se nos recordamos da necessária anterioridade do julgamento de atribuição em relação ao julgamento de existência, fica difícil perceber como é possível reconhecer a existência de um sexo feminino ao qual nada de especificamente libidinal é atribuído, a menos que se faça pura e simplesmente uma equivalência entre o feminino e a pulsão de morte. Esse maniqueísmo não tem nada de científico, quando muito aponta para um conflito neurótico com o materno e o feminino interno; do ponto de vista da teoria analítica, não faz jus às contribuições de Freud a essa difícil questão das pulsões, ao longo de sua obra.

Assim como muitos outros autores, tentei (Guignard, F., 1997) abordar o problema reexaminando as pulsões em sua genealogia.

#### d) As fantasias originárias

Os desenvolvimentos freudianos relativos às fantasias originárias (Freud, S., 1914-1918 e 1915) também vêm instigar, sob um outro ângulo, a reflexão cotidiana do psicanalista de crianças. Na verdade, através dos quatro aspectos da fantasia originária, Freud estabeleceu o primado da fantasia genital desde os primórdios da vida psíquica, até como herança filogenética. Poderíamos considerar (Guignard, F., 1996) esses quatro aspectos da fantasia originária como se situando dois a dois numa relação de dupla inclusão:

- a fantasia de retorno à vida intra-uterina lado a lado com a fantasia de castração;
- a fantasia de sedução lado a lado com a fantasia da cena primária.

No material clínico, esses aspectos fantasmáticos se apresentam como formações defensivas contra os quatro componentes do destino humano que são o nascimento, a pertinência biológica a um sexo determinado, a pressão constante da pulsão e a diferença de gerações. Assim, a fantasia de retorno à vida intra-uterina será usada como recusa do nascimento; a fantasia de castração, que substitui sua versão complementar, como recusa à pertinência biológica a um sexo determinado, enquanto que a fantasia de sedução se situará como recusa à pressão constante da pulsão, numa relação de dupla inclusão com a fantasia da cena originária, que expressará, então, a recusa da diferença de gerações.

#### e) As contribuições kleinianas

Contrariamente à constante dicotomia entre pré-edípiano e edípiano e ao primado freudiano da falicidade, os trabalhos clínicos de Melanie Klein levaram-na a descobrir e elaborar uma versão das configurações edípianas que se iniciaria mais cedo do que propusera Freud (Klein, M., 1928). Ligando-a à sua descrição do desenvolvimento psicosssexual da menina e do menino, M. Klein (1923) considera que essa versão precoce do Édipo surge imediatamente após a descoberta da alteridade, no momento da instalação do que mais tarde ela denominará posição depressiva (Klein, M., 1931). As contribuições dessa autora obrigam qualquer psicanalista, tanto de adultos como de crianças, a reexaminar em sua clínica cotidiana uma série de parâmetros, técnicos e teóricos.

Efetivamente, levar em conta a atividade das pulsões genitais desde o período do “apogeu do sadismo” – que se tornará em seguida o “limiar da posição depressiva” – permitiu a M. Klein estabelecer a incontornável etapa da “fase feminina primária”, considerada como comum aos infans dos dois sexos. Ela descreve esta fase como constituída pela identificação – projetiva, hoje podemos precisar – do bebê ao desejo da mãe pelo pai e seu pênis e a designa como o lugar privilegiado do desenvolvimento das capacidades de introjeção. No final, no estudo da psicopatologia, ela estabelece aí o ponto de fixação da homossexualidade masculina.

#### f) O espaço do “materno primário” e o espaço do “feminino primário”

Sugeri (Bégoïn-Guignard F., 1987) chamar “espaço do materno primário” à configuração mais arcaica da relação, em que o recém-nascido estabelece sua identificação projetiva à capacidade de rêverie da mãe (Bion, W.R., 1961), e “espaço do feminino primário” à parte do espaço psíquico em que a fase feminina primária aparece como conseqüência. Relacionando essas duas configurações arcaicas do espaço psíquico, obtêm-se os parâmetros que permitirão o surgimento do Édipo inicial em seus dois aspectos, direto e invertido.

### **Um pouco de clínica**

Assim que o praticante de psicanálise aplica sua arte a crianças pequenas, a representação que ele pode realizar dos diferentes parâmetros teórico-técnicos que sustentam sua atividade interpretativa vai ganhando, evidentemente, uma importância ainda maior. Ele terá que escolher não somente o nível e a forma transferencial a dar às suas interpretações, mas também o nível e a forma de sua verbalização, levando em conta as capacidades de simbolização da criança, que variam de acordo com a idade e a patologia.

Não abordarei novamente a questão da simbolização no trabalho analítico com crianças; espero centrar-me aqui nos aspectos da reflexão subjacente e permanente do analista relativos à pertinência de sua compreensão do material da sessão. Com esse objetivo e como exemplo, relatarei uma pequena vinheta clínica, tão clássica que se torna emblemática.

Paulo, de apenas três anos, entra correndo no consultório, pega as “panelinhas” e a massa de modelar e convida sua analista a comer com ele, proibindo energicamente os personagens da brincadeira (bonecos) de participarem dessa refeição. Coloca água nas duas xícaras, ao mesmo tempo que molha copiosamente a mesa; confecciona, com a massinha, lingüiças e biscoitos redondos, oferece-os à terapeuta para que ela os “coma”, fazendo de conta que também os come. Logo depois, enfia vigorosamente um pauzinho em um dos biscoitos de massinha. O pauzinho se quebra....Paulo pára, examina a fratura do pauzinho, olha perplexo para a terapeuta que lhe devolve seu olhar “em espelho”, silenciosamente atenta. Paulo escolhe o pedaço maior do pauzinho quebrado e torna a enfiá-lo na massinha, sempre com a mesma determinação, mas desta vez com

mais concentração e delicadeza. Ele observa, agora como um artista, as fendas produzidas nos biscoitos de massinha e, com a maior atenção, pega delicadamente uma bolinha que lá estava para depositá-la em uma das fendas.

Enquanto a analista ainda se encontrava em estado de encantamento pelo que estava presenciando, muito compreensível, é preciso que se diga, uma vez que lhe parecia a expressão do desejo de Paulo de lhe fazer um bebê, o menino pegou o biscoito de massinha, atirou-o ao chão, pisoteou-o, depois sentou em cima dele e o esmagou conscienciosamente com seu traseiro, remexendo-se e fazendo ruídos com a boca que sugeriam uma defecação. Depois, com um ar triste e aflito, escolheu uma bonequinha de pano na caixa de brinquedos e instalou-se no divã, chupando o polegar, com a boneca sobre o coração.

Esta cena ocorreu no dia seguinte à separação do fim de semana e depois de mais ou menos três meses de tratamento analítico à razão de três sessões semanais. Talvez tenhamos compreendido que Paulo não é uma criança psicótica. Intencionalmente, não direi mais nada, nem sobre a patologia, nem sobre a história.

A tentativa de compreender o arranjo dinâmico dos diferentes aspectos do destino humano, tais como expressos nessa brincadeira, abre imediatamente uma multiplicidade de caminhos possíveis para a atividade interpretativa do analista na sessão. Uma primeira perspectiva geral requer que se leve em conta a dupla função do brincar: expressão da transferência e negação de sua significação (Diatkine, R., 1995).

#### a) O nível edipiano genital

Paulo parece ter encenado um desejo edipiano de relação sexual, de fecundação e de parto. Mas, se é assim, com quem, mãe ou pai, ele deseja ter essa relação nesse preciso momento da sessão? Qual a função econômica de suas fantasias originárias no aqui e agora dessa sessão de retorno do fim de semana? Com que personagem da cena primária ele está principalmente identificado nesse movimento do brincar?

Esta seqüência nos informa sobre a posição relacional e identificatória nos dois espaços psíquicos, do materno primário e do feminino primário?

Lembrando que a transferência diz respeito sempre e simultaneamente aos objetos paternos e maternos e comporta sempre uma valência positiva e uma negativa, podemos perceber no desenvolvimento do brincar de Paulo uma linha defensiva geral contra a transferência? A analista pode fazer uma idéia de quais aspectos dos objetos internos de Paulo ela representa? Em função de quais critérios ela escolherá verbalizar o/os aspecto(s) da transferência que irá interpretar?

#### b) O material pré-genital

Na seqüência apresentada encontramos também muitas expressões pré-genitais do desejo de Paulo, expressões que são freqüente e equivocadamente designadas na literatura psicanalítica como "pré-edipianas". Esta denominação errônea desconsidera a presença de pulsões genitais na criança, assinaladas por Freud desde os Três Ensaio e cuja presença e anterioridade foi enfatizada por M. Klein.

Falta determinar a dinâmica defensiva das pulsões orais, anais, uretrais e fáticas no brincar de Paulo assim como a qualidade de sua expressão sádica. Com este objetivo, é importante avaliar o estatuto do objeto de seu desejo: Desejo de incorporação do seio e do pênis? Expressão de amor pela mãe maternal? Pela mãe sexual? Pelo pai fecundador?

Neste exercício de reflexão, seria muito tentador tomar aquela via que chamo de "causalidade curta". Realmente, não é difícil encontrar elementos históricos, até mesmo traumáticos, a que relacionar a forma escolhida por Paulo para expressar seu desejo edipiano e assim introduzir informações estranhas à relação analítica como, por exemplo, as dificuldades na amamentação. A partir daí, a analista corre o risco de utilizar defensivamente esse pretexto para sair do domínio da causalidade psíquica na qual está tão diretamente implicada transferencial e contratransferencialmente, particularmente como objeto das pulsões genitais de seu pequeno paciente. Se ela evitar essa via estéril, poderá invocar de maneira mais pertinente um movimento de regressão surgindo em Paulo durante o processo psicanalítico. Mas, a partir daí, nossa reflexão teórica deverá ocupar-se da regressão tópica da criança na sessão, regressão ligada, para Freud, ao setting analítico divã-poltrona na análise de adultos.

Assim, nos defrontamos com o problema das diferenças e das semelhanças entre o tratamento analítico de adultos e de crianças....

Certamente, a visão kleiniana das configurações edipianas iniciais permite-nos avançar consideravelmente na compreensão dessa "refeição tête-à-tête", principalmente, deixar para trás a falsa alternativa entre o edipiano e o pré-genital. Efetivamente, a brincadeira de comidinha dá a Paulo a oportunidade de exprimir não somente o desejo sexual genital direto por sua terapeuta como também a problemática de castração que a ele se associa. Isso também lhe permite desenvolver, simultaneamente, no espaço analítico, a problemática da perda do primeiro objeto em sua expressão oral assim como suas tentativas de controle anal e fálico. Os componentes anais e uretrais de sua configuração edipiana aparecem na confecção das sugestivas lingüiças e nas copiosas regas. Seu desejo de dominação fálica expressa-se via pauzinho, introduzido na brincadeira; a elaboração da problemática de castração manifesta-se, quando ele quebra o referido pauzinho, pára e, então, aceita funcionar com um bastão "menor", evocando algo de aceitação da castração simbólica. Assim se perfilam todos os planos da sexualidade infantil, neste quadro clássico do pequeno Edipo diante do "Edipo freudiano".

Entretanto, ainda não terminamos nossas interrogações. Assistimos, de fato, a uma brusca aceleração do ritmo da ação e a uma total desorganização da situação afetiva, quando Paulo, sensível ao entusiasmo de sua analista, pega seu "presente", atira-o por terra e o pisoteia. O bebê oferecido à analista na brincadeira parece ter evocado o "bebê do fim de semana" e, então, o terceiro paterno que lhe roubou a analista. Paulo é confrontado com o fracasso de sua fantasia de sedução, com a castração e com sua impotência infantil: não, não é ele que é capaz de fazer bebês com a analista; ela o abandonou para ir fazê-los em outro lugar. A fantasia originária de retorno à vida intra-uterina é posta em xeque; Paulo é apenas um "bebê-cocô" que foi expulso analmente por uma mãe indiferente.

Observa-se, então, um duplo movimento: por um lado, Paulo regride a uma expressão anal de seu desejo genital e, por outro, identifica-se com o objeto perdido, imitando aquela extraordinária defecação-ser-posto-no-mundo de um bebê que só permanece "cocô" o tempo necessário para que ele reorganize sua encenação. A identificação com uma mãe que cuida de seu bebê alcança agora um grau a mais de regressão e introduz a oralidade para figurar a cena primária de que Paulo foi excluído. Ele, então, termina a sessão deitado, chupando o polegar, com a boneca sobre seu coração. O auto-erotismo vem tratar a ferida

do narcisismo fálico de Paulo, no movimento de identificação com o materno e com o feminino da mãe, cuja natureza ele vai precisar decifrar no decorrer da análise...

### **Escutar, compreender, interpretar**

Deixaremos estas preocupações com a analista de Paulo e voltaremos agora à nossa reflexão mais geral sobre os parâmetros suscitados por esta pequena vinheta clínica, iniciando pela questão da interpretação.

Na verdade, a compreensão deste material não garante a qualidade da interpretação do mesmo. Certamente, essa interpretação só poderá ser levada em conta, se for formulada na transferência. Talvez me fosse dito que isso deveria resolver minhas questões teóricas e apaziguar minhas inquietações. Essa não é minha opinião, porque nada é mais difícil de expressar do que os sentimentos e os desejos – a arte e a literatura o comprovam. Além disso, é preciso uma dotação particular e um bom preparo para poder verbalizar desejos e sentimentos que, sem que o sujeito que os expressa ao analista o saiba, são endereçados a este último enquanto representante de algum outro.

Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand (1897), oferece-nos uma metáfora bastante boa da situação transferencial. Christian, belo rapaz inibido por quem Roxane é apaixonada, poderia representar a imago paterna idealizada e narcísica dessa jovem mulher; ele desaparecerá de cena ao morrer prematuramente na guerra. Cyrano, mais velho, feio, mas engenhoso e espirituoso, poderia muito bem ser a imagem do psicanalista em seu trabalho: ele respeitará Roxane até a morte, apesar de seu amor por ela e, colocando sua criatividade a serviço da paixão que ela sente por Christian, Cyrano vai, na cena do balcão, emprestar sua mente a Christian para que esse possa conquistar Roxane.

Assim se vão nossos pacientes após a análise, entregues a seus destinos edípicos clareados pelo trabalho analítico. Esta metáfora é ainda mais válida quando se trata de análise de crianças, que ainda apresentam uma necessidade vital de manter relações suficientemente adequadas com seu entorno familiar, relações que lhes permitam sobreviver e se desenvolver em condições em que não dominam nenhum dos parâmetros.

Antonino Ferro (1997) propõe uma concepção de interpretação que instala, de maneira notavelmente clara, o quadro relacional da atividade interpretativa do analista: “A interpretação é pensada como alguma coisa que se constrói ‘a duas vezes’ e que é fruto da relação em que, de maneiras diferentes, participarão as duas mentes (Bezoari, Ferro, 1991). As intervenções do analista terão uma potencialidade semântica altamente insaturada, que poderá permitir uma participação ativa do paciente. É neste sentido que falamos, Bezoari e eu (Bezoari, Ferro, 1989), em ‘interpretações fracas’ – extrapolando este termo a partir das temáticas filosóficas do ‘pensamento fraco’ (Vattimo, 1983) – em contraste com as interpretações ‘fortes’, exaustivas, que determinam uma cesura.”

### **Exercício de estilo**

Para prosseguir na difícil questão da interpretação a partir da configuração da vinheta clínica descrita e comentada acima, pode ser interessante fazer variar os parâmetros estabelecidos pela realidade. Apesar do caráter absolutamente virtual de exercício, isto deverá nos permitir aprofundar a reflexão sobre as bases teóricas que presidem a atividade interpretativa do psicanalista de crianças.

a) Paula

Primeiramente substituamos Paulo por uma hipotética Paula, na mesma cena, e sempre com uma analista mulher. Quais seriam então os desejos genitais de Paula? Ela imaginar-se-ia com seu pai, apesar do sexo real da analista, ou deveríamos pensar na prevalência de seus desejos homossexuais, na vertente invertida de seu Édipo?

Ou ainda, seria necessário ver em sua brincadeira de comidinha uma expressão estritamente oral de seus desejos pelo seio, entendendo-os como puramente pré-genitais, como nossa recusa inconsciente da sexualidade genital infantil nos pressionaria a fazer? Ao mesmo tempo, deveríamos supor uma tendência maior à regressão oral na menina do que no menino? Em todo caso, isso nos conduzirá a examinar as relações privilegiadas entre a oralidade e a genitalidade no Édipo da menina. As regas, e depois a utilização do pauzinho, seriam atribuídas a uma reivindicação fálica?

Qualquer que seja a resposta, qual via de interpretação a analista mulher deveria escolher? Deveria privilegiar a verbalização da ira e do desamparo da menininha que, depois de haver sido seduzida pela mãe – fantasia originária que lhe permitiria negar a existência de suas próprias pulsões –, não pode fazer filhos com ela?

Lá onde Paulo vivia suas angústias de castração e sua rivalidade edípica com um pai potente, a quebra do pauzinho representaria para Paula a desgraça de possuir somente um clitóris? Assim, apelar para a fantasia originária de castração lhe permitiria, evidentemente, atribuir sua impotência ao fato de pertencer somente ao sexo feminino e poder negar a diferença de gerações.

Deveria a analista escolher um nível mais regressivo de interpretação, falando a Paula sobre sua dor por não poder tomar o lugar do “bebê do fim de semana” para reentrar no útero materno, segundo a fantasia originária complementar que lhe permitiria negar o nascimento?

Saindo do Édipo invertido para retornar ao Édipo direto, teríamos aí uma indicação sobre as reclamações feitas à analista, em transferência paterna, de ter sido impotente para lhe fazer um bebê, a ela, Paula?

Como compreender a maneira como a massinha é atirada ao solo e esmagada? Além do movimento de despeito e de ciúme com relação ao “terceiro do fim de semana”, movimento que poderia naturalmente ser comum ao menino e à menina, uma menininha teria necessidade dessa encenação anal do parto? Se assim fosse, poderíamos compreendê-la como uma teoria sexual infantil fundamental de nascimento anal? Ou tratar-se-ia da utilização defensiva e regressiva da analidade, visando a negar a diferença de gerações ligada à fantasia da cena primária e a evitar os perigos da rivalidade edípica com uma mãe capaz de ter relações sexuais e de fazer bebês?

Em compensação, o final da seqüência clínica corresponderia logicamente a um funcionamento feminino, mas como compreenderíamos aqui o aspecto auto-erótico? Paula estaria num estado de espírito triunfante frente a uma mãe-analista à qual ela teria, apesar de tudo, raptado seu bebê de fim de semana? Se assim fosse, a angústia e a culpabilidade, até mesmo

a perseguição, não deveriam estar longe, e a analista deveria prever momentos difíceis nas próximas sessões...

b) E se o analista fosse um homem?

Como vemos, as opções interpretativas são muito diferentes, se consideramos Paulo ou Paula. A regra do jogo nos impõe agora imaginarmos que a mesma cena poderia se produzir, para Paulo num primeiro tempo e depois para Paula num segundo tempo, mas desta vez com um analista homem...

Como substituir a compreensão de todos os parâmetros evocados acima? A força da fantasia da cena primária teria permitido que Paulo dispensasse totalmente o princípio de realidade e, sem pestanejar, tomasse o analista homem como a mãe sexual, ou seria necessário pensar numa prevalência patológica de tendências homossexuais? Quanto a Paula, por que ela teria tido necessidade de tantos rodeios para expressar o desejo de ter um bebê do pai? Poderíamos compreender a brincadeira com o pauzinho como uma tentativa de controlar uma representação demasiado excitante da cena primária? Neste caso, a seqüência da cena representaria um movimento de integração de sua feminilidade, através da renúncia ao sexo que ela não tem, com o auxílio de um bebê que teria conseguido de seu pai, a despeito do reconhecimento da diferença de gerações?

### **As identificações**

Essas múltiplas interrogações evidenciam que o analista de crianças não pode deixar de refletir sobre a problemática da identificação e, principalmente, sobre a questão das identificações edípicas nas crianças muito pequenas.

Sabemos que Freud designou a identificação como uma primeira forma de relação de objeto (1921). Entretanto, ele deixou imprecisas tanto as características dessa identificação primária como as relações de analogia, ou mesmo de oposição, que esta poderia ter com as identificações secundárias, pós-edípicas. As contribuições kleinianas e pós-kleinianas preencheram uma parte importante dessa lacuna, ao proporem à reflexão do analista parâmetros muito mais precisos, com o conceito de objeto parcial (Klein, M., 1931) e com o desenvolvimento do conceito de identificação projetiva (Klein, M., 1946; Bion, W.R., 1961).

Contudo o psicanalista deverá reconhecer que a amplitude e a complexidade dessa problemática das identificações também favorecem a utilização do conceito com uma finalidade defensiva. Como acontece com toda nova descoberta sobre o psiquismo humano, o recalçamento das moções pulsionais irá trabalhar no sentido de neutralizar a importância da implicação pessoal do terapeuta a partir dessa perspectiva da relação analítica recentemente desenvolvida.

Por exemplo, como articular o que foi compreendido sobre o desejo edípico, tanto genital como pré-genital de Paulo e/ou de Paula, com as trocas na relação transferencial-contratransferencial por meio da identificação projetiva, tanto da criança para com sua analista mulher e/ou analista homem quanto deste/desta à criança?

Certamente, o brincar de “comidinha” deve ser entendido como uma identificação projetiva da criança com a “alimentação psíquica” que a analista lhe propõe, o que coloca o analista, qualquer que seja seu sexo, como objeto de transferência de uma figura materna maternante. Mas é preciso também levar em conta os aspectos genitais da identificação projetiva edípica da criança com a fantasia da cena primitiva, exacerbada pela separação do fim de semana.

é então a escolha do nível de interpretação dessa cena originária que se coloca em questão. Se o analista interpreta para a criança que ela encena aquilo que ele/ela imagina ter acontecido entre a analista e um terceiro durante a separação, como lhe descrever esta cena? Se ele se atém ao aspecto manifesto do brincar e fala de “Papai que dá coisas boas para Mamãe comer”, o analista evita a interpretação, por meio da paráfrase, com o objetivo inconsciente de evacuar do campo da relação analítica o componente genital precoce das pulsões. Certamente, o “Infantil” do analista (Guignard, F., 1996) ficará muito aliviado, mas o movimento pulsional da criança não será levado em conta em sua totalidade, e seu aspecto mais diretamente sexual – o genital – será vivido por ela como sendo tão proibido que é ignorado no discurso do analista.

Felizmente os pacientes são pacientes, e a repetição pode vir em auxílio dos pontos cegos do analista. No brincar de Paulo, o material não permite a esquiva por muito tempo, já que essa “comidinha” toma rapidamente uma feição mais nitidamente sexual, quando do aparecimento do pauzinho e da bolinha. Mas não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir. Nestas circunstâncias, freqüentemente se observa, entre os analistas de crianças, um “agarramento” interpretativo à versão oral da cena primária, versão que tem uma significação equivalente à fábula do nascimento no repolho ou nas rosas, que se oferecia às crianças de antigamente. Até mesmo psicanalistas não se desvencilham muito facilmente da culpabilidade inerente à sexualidade, e ainda hoje continua sendo delicado falar dela com uma criança sem correr o risco de seduzi-la. A esquiva, oriunda diretamente do “Infantil” do analista, está relacionada ao reconhecimento do desejo sexual da mãe, desejo que permanece no fundo de cada um de nós como o escândalo impossível de ser integrado, horresco referens...<sup>3</sup> Na minha opinião, é exatamente esta sexualidade da mãe que gera a recusa do feminino em ambos os sexos, “rocha da origem” descrita por Freud (Freud, S., 1937).

Através da brincadeira da “comidinha” e de seus desdobramentos, Paulo coloca sua analista na situação de uma mãe que teria que falar de sua sexualidade ao filho, na ausência do pai, objeto rival de identificação edípica para Paulo, e objeto de desejo e de rivalidade edípica com a mãe, para Paula. Para sair dessa situação, Paula teria que se sujeitar a passar por uma revisão secundária de sua identificação primária com uma mãe maternal, subitamente descoberta mulher sexual.

Para um analista homem, à primeira vista a situação poderia parecer mais fácil, já que ele não teria que evocar diretamente sua própria sexualidade. Isto seria ignorar, uma vez mais, seu “Infantil” que, em identificação projetiva inconsciente com a criança, nega ao mesmo tempo seu próprio desejo infantil pela mãe e a revelação do desejo da mãe, que o excita e enlouquece.

Mesmo sem revisar toda a vinheta clínica do ponto de vista das identificações, é suficiente sublinhar que a avaliação do estado das identificações, primárias e secundárias, projetivas e introjetivas, na criança pequena, encontra sempre eventualidades e riscos ligados às identificações do analista, principalmente os da “contra-identificação projetiva” (Grinberg, L., 1985) nos momentos delicados da análise.

### **Conclusão**

Posso escutar desde já as objeções que me poderão ser feitas quanto a meu exercício de rigor, senão de estilo e, principalmente, ao fato que, com uma criança não psicótica, não se pode esperar que o material seja o mesmo em se tratando de um menino ou de uma menina.

Não somente estarei totalmente de acordo com tal objeção, mas ainda acrescentarei uma segunda: penso que, com um paciente neurótico, adulto ou criança, um analista homem não suscitará o mesmo material que uma analista mulher – assim como o inverso –, qualquer que seja a amplitude dos movimentos regressivos do paciente na sessão. Ora, encontramos diante de um paradoxo entre a teoria e a prática: em teoria, escuta-se muito dizer que, frente a competências analíticas iguais, o sexo do analista não tem importância, enquanto que, na prática, se escutam também com muita frequência indicações de tratamento analítico “de preferência com um homem” ou “de preferência com uma mulher”.

Foi com o intuito de refinar a reflexão daqueles que se dedicam à prática de análise de crianças que propus este exercício de rigor analítico, destinado a explorar a complexidade dos parâmetros da interpretação das configurações edípicas. Na realidade, estou convencida de que o material obtido em uma sessão, referindo-se a um tema tão clássico e central como o Édipo, irá variar não somente em função da patologia do paciente, mas também em função das seguintes variáveis:

- sexo biológico do paciente;
- sexo biológico do analista;
- qualidade da identidade psíquica de base do paciente, menino ou menina, homem ou mulher;
- qualidade da identidade psíquica de base do analista, homem ou mulher;
- prevalência de processos de projeção ou de processos de introjeção no paciente;
- prevalência de processos de projeção ou de processos de introjeção no analista;
- normalidade ou patologia da identificação projetiva do paciente;
- normalidade ou patologia da identificação projetiva do analista.

Para concluir, gostaria de propor a idéia que, mesmo com a criança muito pequena, em que a questão da presença ou não de uma neurose infantil organizada permanece em aberto, é o encontro do “Infantil” do analista com o “Infantil” do analisando que permite constituir o setting interno da situação analítica e, simultaneamente, dar conta dos pontos cegos que se produzem em cada um dos dois protagonistas da situação analítica.

Enquanto analistas, somos responsáveis e temos que prestar contas do mau funcionamento de nosso aparelho psíquico na sessão, inclusive em seu aspecto inconsciente. Devemos, então, permanecer particularmente atentos para observar nossos pontos cegos, sobre os quais, por definição, só temos informações indiretas, já que são inconscientes.

Quando a interpretação que nos vem à mente nos parece luminosamente evidente, é provavelmente a urgência de interpretar que deveria nos alertar, em primeiríssimo lugar. Parece-me absolutamente necessário separar o sentimento de urgência em intervir da suposta evidência do conteúdo da interpretação que nos veio à mente. Repeti diversas vezes, e principalmente no *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant* (Guignard, F., 1994), que os conteúdos interpretativos que aparecem como “evidentes” constituem, muito freqüentemente, aquilo que chamo de “interpretações-tampão”. São um dos indicativos mais seguros de movimento defensivo, em nossa contratransferência, de um ponto cego no plano de nosso próprio “Infantil”.

Entretanto, temos também que dar a maior importância a esse sentimento de urgência em intervir. De fato, somente uma auto-análise *in situ* nos permitiria tentar avaliar a natureza desse sentimento: tratar-se-ia de uma urgência ligada a nosso próprio “Infantil” e exclusivamente a ele? Ou tratar-se-ia de um insight, obtido via processo de identificação projetiva normal, de um sentimento de desamparo que surge do “Infantil” do paciente? Neste caso, poderíamos muito bem estar num desses pontos privilegiados de encontro entre os dois “Infantis”, o do paciente e o nosso. Ora, estes pontos privilegiados também implicam perigos, principalmente o da negação e do recalamento de uma similitude de excitação sexual do analista e da criança. Aprisionado neste conflito interno entre o respeito devido à criança e seu ideal de analista-intérprete, o psicanalista de crianças pode encontrar uma via intermediária, intervindo, não por meio de interpretações de conteúdo ou de interpretações diretas de transferência, mas buscando uma formulação verbal, o mais precisa possível, do afeto em questão.

Em minha experiência, esta situação ocorre muito mais freqüentemente em análises de crianças e de adolescentes do que em análises de adultos e de maneira muitas vezes inesperada. É aqui que a definição de interpretação de Antonino Ferro, citada anteriormente, alcança todo o seu valor. Este é o ponto supremo da dificuldade e do prazer do nosso *métier* de analistas.

## Referências

- ABRAHAM, K. 1924. *Esquisse d'une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux, Oeuvres complètes, T.II (1913-1925)*. Payot, 1966.
- BÉGOIN GUIGNARD, F. 1987. *A l'aube du maternel et du féminin. Essai sur deux concepts aussi évidents qu'inconcevables*, *Rev. Franç. Psychanal.*, LI, 6. Paris: PUF.
- BEZOARI, M. & FERRO, A. 1991. *Percorsi nel campo bipersonale dell'analisi: dal gioco delle parti alle trasformazioni di coppia*. *Riv. Psicoanal.*, 37.
- BEZOARI, M. & FERRO, A. 1989. *Interpretazione e funzioni trasformativa nel dialogo analitico*. *Riv. Psicoanal.*, 35.t
- BION, W.R. 1961. *Une théorie de la pensée, Réflexion faite*. Paris: PUF, 1983.
- DIATKINE, R. 1995. *L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- FERRO, A. 1997. *L'enfant et le psychanalyste. La question de la technique dans la psychanalyse des enfants*. Paris: érès, 1997.
- FREUD, S. 1895. *La naissance de la psychanalyse: lettres à W. Fliess, notes et plans, 1887-1902*. Paris: PUF, 1956.
- \_\_\_\_\_. 1905. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard, 1962.
- \_\_\_\_\_. 1907 & 1909. In: *Les premiers psychanalystes, Minutes (I & II) de la Société psychanalytique de Vienne*. Paris: Gallimard, 1976 & 1979.
- \_\_\_\_\_. 1910. *Un type particulier de choix d'objet chez l'homme*, OCF X. Paris: PUF, 1993.
- \_\_\_\_\_. 1914-1918. *à partir de l'histoire d'une névrose infantile*, OCF XIII. Paris: PUF, 1988.
- \_\_\_\_\_. 1915. *Communication d'un cas de paranoïa contredisant la théorie psychanalytique*, OCF XIII. Paris: PUF, 1988.
- \_\_\_\_\_. 1921. *L'identification, Psychologie des masses et analyse du moi*, OCF XVI. Paris: PUF, 1991.
- \_\_\_\_\_. 1923. *L'organisation génitale infantile*, OCF XVI. Paris: PUF, 1991.
- \_\_\_\_\_. 1924. *La disparition du Complexe d'Oedipe*, OCF XVII. Paris: PUF, 1992.
- \_\_\_\_\_. 1925. *La Négation*, OCF XVII. Paris: PUF, 1992.
- \_\_\_\_\_. 1937. *L'analyse avec fin et l'analyse sans fin, Résultats, idées, problèmes, vol. 2*. Paris: PUF, 1985.
- GRINBERG L. 1985. *Projective counteridentification, The goals of psychoanalysis*. Londres: Karnac Books, 1990.
- GUIGNARD, F. 1994. *Les pièges de la représentation dans l'interprétation psychanalytique*, *Journ. Psychanal. de l'Enfant*, 15. Paris: Bayard.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Au Vif de l'Infantile*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.

- \_\_\_\_\_. 1996. Eprouvé d'amour, déni d'amour, Rev. Franç. Psychanal. LX, 3. Paris.
- \_\_\_\_\_. 1997. Epître à l'objet. Paris: PUF, Coll. "épîtres", 1997.
- KLEIN, M. 1928. Les stades précoces du conflit œdipien. In: Essais de Psychanalyse. Paris: Payot, 1967.
- \_\_\_\_\_. 1931. Contribution à la théorie de l'inhibition intellectuelle. In : Essais de Psychanalyse. Paris: Payot, 1967.
- \_\_\_\_\_. 1932. La psychanalyse des enfants. Paris: PUF, 1959.
- \_\_\_\_\_. 1946. Notes sur quelques mécanismes schizoïdes, Développements de la Psychanalyse. Paris, PUF, 1966.
- MOLIÈRE, 1666. Le médecin malgré lui, acte II, scène 5.
- QUENEAU, R. 1947. Exercices de style. Paris: Gallimard.
- ROSTAND, E. 1897. Cyrano de Bergerac. Paris: Garnier.
- VATTIMO, G. 1983. Dialettica, differenza, pensiero debole. In : Vattimo, G.; Rovatti, P.A. (a cura di) Il pensiero debole. Milano: Feltrinelli.

Tradução de **Iara Bondioli de Souza Noto**

Revisão técnica de **Nilde J. Parada Franch e Paulo Henrique Favalli**

**Florence Guignard**

Square d'Orleans, Pavillon 7, 80 rue

Taitbout

75009 – Paris – França

© Revista de Psicanálise – SPPA

---

\* Texto apresentado em seminário temático na SBPSP, em agosto de 1999.

\*\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris.

---

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)